

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

KÁTIA DIEHL

Análise dos resultados obtidos com o uso das novas tecnologias da informação e comunicação no ambiente escolar de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental.

**Porto Alegre
2010**

KÁTIA DIEHL

Análise dos resultados obtidos com o uso das novas tecnologias da informação e comunicação no ambiente escolar de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientadora: Prof^a. Iris Elisabeth Tempel Costa.

Co-orientadora: Prof. Dra. Rosane Aragón de Nevado.

Tutora: Simone Ramminger

Porto Alegre

2010

Dedico este trabalho aos meus pais,
pessoas especiais, que sempre estiveram
ao meu lado, acreditando em mim.

A G R A D E C I M E N T O S

A Deus, que tenho certeza, que me acompanhou durante este Curso de Graduação.

À minha família que sempre me apoiou e incentivou os meus estudos.

Ao meu esposo pela compreensão e a minha filha que sempre iluminou meus dias com sua alegria e determinação diante das dificuldades que surgiram durante o caminho.

A Prof^a. Iris Elisabeth Tempel Costa, por ter acreditado e orientado a realização deste trabalho.

A tutora Simone Ramminger pela paciência, compreensão e colaboração.

As colegas do Curso, pela longa caminhada.

R E S U M O

O presente trabalho busca relatar e analisar minha prática docente durante o estágio curricular supervisionado, realizado no período de 12 de abril de 2010 à 16 de junho de 2010, em uma escola pública da rede estadual de ensino fundamental de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O objetivo principal é apresentar as circunstâncias e o contexto de uma experiência pedagógica fundamentada na combinação de estratégias, dinâmicas de grupos, softwares educacionais e ferramentas de apoio à cooperação visando à construção e o favorecimento da aprendizagem, evidenciando assim uma Arquitetura Pedagógica. Este trabalho questiona e reflete sobre a aceitação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na comunidade escolar, sobre suas possibilidades produtivas e sobre uma série de obstáculos e dificuldades que surgiram durante a implantação e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em uma escola pública. Na análise dos fatos se faz evidente o quanto a prática de regência de classe ancorada em uma Arquitetura Pedagógica, renova o ambiente escolar, rompe com paradigmas tradicionais e propõe ao aluno um papel ativo, reflexivo e criativo durante o processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Arquitetura Pedagógica, Tecnologias de Informação e Comunicação.

ABSTRACT

The present work searches to tell and to analyze mine practical professor during the supervised curricular period of training, carried through in the period of 12 of April of 2010 to the 16 of June of 2010, in a public school of the state net of basic education of Porto Alegre, Rio Grande Do Sul. The main objective is to present the circumstances and the context of a pedagogical experience based on the combination of strategies, dynamic of groups, softwares educational and tools of support to the cooperation aiming at to the construction and the aiding of the learning, thus evidencing a Pedagogical Architecture. This work questions and reflects on the acceptance of the Technologies of Information and Communication (TICs) in the pertaining to school community, on its productive possibilities and a series of obstacles and difficulties that had appeared during the implantation and use of the Technologies of Information and Communication (TICs) in a public school. In the analysis of the facts if it makes evident how much practical of regency of classroom anchored in a Pedagogical Architecture, it renews the environment pertaining to school, it breaches with traditional paradigms and it considers to the pupil an active paper, reflective and creative during the education process/learning.

Word-key: Pedagogical architecture, Technologies of Information and Communication.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------|-----|
| I. INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 O contexto da prática | 9 |
| 1.2 A turma 3º Ano B..... | 10 |
| 1.3 O foco do estudo | 133 |
| II. BASES TEÓRICAS | 166 |
| 2.1 Desenvolvimento moral, segundo Piaget | 166 |
| 2.2 Teoria do Julgamento Moral de Lawrence Kohlberg | 188 |
| 2.3 O contexto escolar e a informática..... | 19 |
| III. RELATO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA | 22 |
| 3.1 Considerações Finais | 34 |
| IV. REFERÊNCIAS | 37 |
| V. ANEXOS | 39 |

I. INTRODUÇÃO

A sociedade e o mundo estão em constante transformação. A todo instante presenciamos o surgimento de novas descobertas da ciência e da tecnologia e, da mesma forma, a sociedade agrega novos valores, hábitos e costumes ao seu modo de agir e pensar.

Se olharmos para 50, 100 ou 200 anos atrás, constataremos o quanto o mundo, a sociedade e o modo de vida das pessoas mudaram. Hoje convivemos com as redes de comunicações que nos permitem estar constantemente ligados com o mundo, recebendo informações e visualizando os acontecimentos que invadem nossa vida e nos causam impactos positivos ou negativos, de forma simultânea. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os internautas brasileiros já somam 32,1 milhões, este número corresponde a 21% da população maior de 10 anos de idade. Eles têm em média 28 anos de idade, rendimento médio mensal domiciliar per capita de R\$1.000,00 e escolaridade de 10,7 anos. O perfil de quem não acessa a internet é diferente. São pessoas com média de 37 anos de idade, 5,6 anos de estudo e R\$ 333,00 de renda domiciliar. Até o início de 2010, a população brasileira totalizava 192.304.735 habitantes, este número elevado coloca o Brasil entre os países mais populosos do mundo. Diante deste número de habitantes a soma de 32,1 milhões de internautas corresponde a aproximadamente 17% da população, número que equivale a uma pequena parcela da população.

Os dados acima nos mostram o quanto é necessário e urgente trabalhar a favor da inclusão digital.

A proposta deste trabalho de conclusão de curso é fazer uma análise da minha prática durante o período de estágio e relatar as dificuldades e avanços que

surgiram em decorrência do uso do Laboratório de Informática no ensino fundamental.

1.1 O contexto da prática

A escola onde o estágio curricular foi realizado, fica situada num bairro residencial, bem estruturado e próximo ao centro de Porto Alegre. O ambiente é privilegiado, com muito verde e canto de pássaros. A presença da natureza traz tranquilidade e beleza ao clima escolar. A escola é limpa, organizada, bem conservada e agradável.

Observa-se que 30% dos alunos, residem no bairro da escola e outros 70% residem em bairros vizinhos e distantes da escola. Os pais escolhem a escola baseados em necessidades familiares, ou seja, proximidade da sua residência ou do seu local de trabalho, por recomendação de amigos ou pelo interesse de manter os filhos longe do convívio do seu local de moradia (por medo da violência, drogas...).

A escola oferece Educação Infantil (Jardim B) e Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) e conta com os seguintes serviços e instituições:

Biblioteca Escolar, Banco do Livro, Círculo de pais e mestres, Grêmio Estudantil, Secretaria, Serviço de Orientação Educacional, Serviço de Supervisão Escolar, Conselho Escolar, Serviço de Audiovisual, Serviço de Pessoal, Serviço de Assistência – Nutrição Escolar, Laboratório de Informática e Ginásio para Esportes.

De acordo com o Regimento Parcial Escolar de 2010 a escola se propõe a:

Oferecer condições para que o educando assuma um posicionamento crítico responsável, atuante e criativo no mundo em que vive. Possibilitar ao aluno a busca ativa num processo de amadurecimento interior no qual o próprio educando é agente principal. Oportunizar conhecimento universal fundamental em valores humanistas, como solidariedade, justiça social, honestidade, responsabilidade e respeito às diferenças. Proporcionar meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Valorizar a participação dos professores, funcionários, direção, pais e alunos na formulação e desenvolvimento de um programa educativo com a Proposta Pedagógica desta escola. (REGIMENTO ESCOLAR PARCIAL - 2010 - ENSINO FUNDAMENTAL – 09 ANOS, p. 8).

A escola se propõe a desenvolver o processo ensino-aprendizagem inserido na realidade do aluno, oportunizando a aquisição do pensamento lógico e científico.

O objetivo do trabalho com o 3º ano do Ensino Fundamental de 09 anos, turma na qual realizei minha prática, é oportunizar situações de experiência em que o aluno identifique-se como elemento participante do grupo em que vive, descobrindo seu meio ambiente e os seres que nele habitam, comunicando-se e atuando de forma positiva.

O Regimento da escola, partindo da concepção de que o conhecimento é uma construção gradual, propõe que os professores avaliem o aluno de uma forma diária e processual, tendo por base suas conquistas no decorrer do período letivo.

Para tanto, devem ser utilizados, entre outros instrumentos, a observação dos alunos, atividades orais e escritas, exercícios diários, trabalhos em grupos e individuais, interesse e disposição do aluno, participação em aula, provas quando o professor achar conveniente e/ou necessário.

Desta forma, a avaliação é vista como uma prática permanente, em vez de um procedimento excludente ou penalizador para o aluno.

1.2 A turma 3º Ano B

A turma 3º Ano B / 2.010 é composta por 21 alunos, sendo 11 meninos e 10 meninas, com idades entre 8 e 10 anos.

Para boa parte dos alunos desta turma, 2010 será o quarto ano de convivência letiva, pois a turma foi formada em 2007 quando os alunos ingressaram no Jardim B.

Durante estes anos de convivência muitos sentimentos se desenvolveram entre os participantes da turma, amizade, inimizade, tolerância, intolerância, compreensão e incompreensão.

Alguns alunos já desenvolveram a reflexão, sabem argumentar e defender suas opiniões, entretanto tem um grupo de cinco alunos que denotam muita agressividade e com frequência resolvem os conflitos com agressões físicas,

inclusive um deles demonstra estar ciente de que de fato é o aluno mais forte da turma em termos de força física.

É uma turma ativa, barulhenta e heterogênea quanto à maturidade e hábitos de estudo. É possível classificar a turma em 3 grupos: um grupo de aproximadamente 5 alunos que são concentrados, responsáveis e comprometidos com a aprendizagem e estudo; um segundo grupo que é formado por 6 alunos que necessitam de um olhar especial devido aos seus históricos de vida (maus tratos, alienação parental, dificuldades de aprendizagem e dislexia) e um terceiro grupo (com 11 alunos) que é muito disperso, possui dificuldade de concentração, muitas vezes não conseguem concluir as tarefas; são agitados, caminham muito e gritam pela sala de aula.

No ano letivo de 2009, esta turma passou por 3 professoras diferentes (duas estagiárias e a professora titular) e, possivelmente, os processos de criação de vínculo com o professor, separação, início de novo processo, nova separação, geraram nesta turma um clima de incerteza que se manifesta com dispersão e agitação.

Aproximadamente setenta por cento dos alunos da turma moram longe da escola, mas os seus pais trabalham no bairro e sabem que esta escola é muito bem conceituada e tradicional.

Alguns alunos vêm da Vila Bom Jesus, Bairro Mário Quintana, Vila Safira, Guaíba e outros bairros da periferia de Porto Alegre.

Nas primeiras semanas de estágio, fiquei preocupada ao me deparar com a agitação e a falta de respeito desta turma de 21 alunos para com as regras.

Gostaria de frisar que minha preocupação inicial não procedia da intenção de seguir os fundamentos da educação tradicional, pois a experiência tem nos mostrado que este tipo de educação resulta em um ensino desinteressante, coercitivo, monótono, que nada ensina, no qual os adultos determinam o que as crianças devem fazer, quando devem fazer e de que jeito devem fazer, visando um mesmo resultado. Não há consideração para as opiniões, vivências, necessidades, interesses, individualidade e criatividade dos alunos.

Minha preocupação era elaborar um Projeto de Estágio capaz de transformar a minha prática, que tende a reproduzir a educação que recebi, ou seja, aulas destinadas a condicionar o comportamento submisso, sem críticas e competitivo.

Antes de construir o conhecimento com os alunos é preciso construir um novo professor. É preciso ter muita determinação para deixar de ser um professor depositário do conhecimento e para tornar-se um mediador, que aprende, que questiona, vibra e se emociona ao ensinar.

Busquei inspiração e orientei minha mudança pedagógica no pensamento de Freire (1996, p.26) que claramente nos diz:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.

Com este espírito de recriar a minha prática elaborei uma Arquitetura Pedagógica alicerçada no autoconhecimento, amizade, respeito pelas diferenças, cooperação, criatividade e uso das TIC's

A idéia de uma Arquitetura Pedagógica é por natureza contrária à prática de depositar nas memórias infantis informações das quais elas desconhecem a procedência e, também, muitas vezes não sabem para que servem e que, provavelmente, esquecerão depois da prova.

1.3 O foco do estudo

Meu estágio supervisionado foi fundamentado em uma Arquitetura Pedagógica que consistia na combinação de estratégias, dinâmicas de grupo, uso de softwares educacionais e ferramentas de apoio à cooperação, visando a construção e o favorecimento do autoconhecimento; da auto-aceitação, da amizade, do respeito às diferenças, a cooperação e o trabalho com sentimentos como tristeza, alegria, raiva, felicidade, ciúme, amor, saudade, inveja, carinho, paciência e perdão.

Esta Arquitetura Pedagógica foi criada visando desenvolver na turma uma conduta mais tranqüila diante da aprendizagem, dado que a turma não se via como um grupo, estando ainda com um comportamento egocentrado. Denotavam impaciência, agitação, gritavam muito, se agrediam física e verbalmente.

Diante deste contexto, elaborei esta Arquitetura que visava desenvolver na turma o espírito de equipe e união, buscando assim substituir a fase de heteronomia, da turma, por uma autonomia intelectual. Os alunos já conhecem as regras, entretanto só as seguem sob pressão.

O processo de autoconhecimento foi baseado na produção de um livro pessoal, uma espécie de diário, no qual o aluno teve a oportunidade de registrar seu auto-retrato, seus dados pessoais, suas preferências, elencar seus amigos, suas idéias, escrever sobre a família, sua casa e sobre seus sentimentos. Tudo isto escrito no papel para manter um clima de privacidade e espontaneidade. É bem verdade que hoje existem os diários digitais, os blogs, que são espaços nos quais as pessoas podem expor suas idéias e retratar suas personalidades, mas para esta atividade, considerei mais adequado usar papel e lápis, deixando atividades com blogs para textos colaborativos. Durante esta atividade os alunos compartilharam e trocaram idéias, refletiram sobre as suas atitudes e sobre as dos colegas, desenvolvendo assim auto- crítica e reflexão.

Este diário foi inspirado no livro “Ninguém é igual a ninguém – O Lúdico no conhecimento do ser ” (OTERO;RENNÓ, 1994), algumas atividades do foram adaptadas e desenvolvidas em sala de aula pelos alunos.

O “Jogo das cores” (OTERO;RENNÓ, 1994) é um exemplo de atividade adaptada e incorporada no diário dos alunos, de forma simples os alunos deveriam desenhar cenas e dar cores para os seguintes sentimentos e gestos: amor, amizade, carinho, cooperação, inveja, saudade, raiva, alegria, ciúme, tristeza, perdão, compreensão, determinação e respeito. Alguns destes conceitos a turma não conhecia, então procurei elucidá-los com exemplos.

Praticamente todos os focos de estudos (autoconhecimento, amizade, respeito pelas diferenças, cooperação e criatividade) do diário dos alunos foram desenvolvidos através de desenhos. Desenhar é uma atividade criadora pela qual a criança desenvolve a sua iniciativa e liberdade. O ato de se expressar livremente pelo desenho, trabalhando em grupos, possibilita a criança reconhecer e apreciar as diferenças pessoais, desenvolvendo assim o respeito pelo outro. Desenhar é uma forma de expressar sentimentos e pensamentos, desenvolve a liberdade e a criatividade.

Outro foco de estudo desenvolvido durante o estágio foi a aceitação da Informática pela comunidade escolar (direção, corpo docente, alunos e pais de alunos), como era de se esperar a falta de vivência com a telemática provoca muita resistência, as idéias são divergentes baseadas em opiniões individuais sem fundamentação teórica. Alguns visam a modernidade, mas não estão capacitados, outros se apegam na forma tradicional de ensinar e denotam comodismo e aversão as novas tecnologias. As duas atitudes provocam atrasos e impasses nas tentativas de iniciar no ensino fundamental uma alfabetização digital, pautada na qualidade e desenvolvimento moral dos alunos.

Vivemos num mundo tecnológico a escola precisa se adequar e promover o contato com as TIC's, elas podem dar apoio e enriquecer os conteúdos lecionados.

A internet não pode ser vista como um livro didático, destinado a pesquisa e informação. A WEB 2 iniciou por volta de 2003 e sua principal característica é o seu potencial de comunicação, com ela podemos desenvolver processos de autoria e autonomia.

Atualmente há no meio educacional um consenso que aponta para a importância de “aprender bem”, a aprendizagem virtual não exclui outras formas de aprender, mas abre um leque de uma série de novas possibilidades, que possibilitam a co-autoria, escolha de conteúdos, reflexão e avaliação do processo de ensino/aprendizagem.

II. BASES TEÓRICAS

Para entender as dificuldades constatadas na turma com a qual realizei meu estágio e para desenvolver na turma o espírito de equipe, união e respeito às regras, busquei subsídios acerca de como se constrói o desenvolvimento moral, no ser humano.

De acordo com Piaget (1932) crianças entre 8 e 12 anos encontram-se no estágio de julgamento moral da autonomia moral. Nesta fase os propósitos e conseqüências das regras são consideradas pelas crianças e a obrigação é baseada na reciprocidade. A criança se caracteriza pela moral da igualdade ou de reciprocidade; percebe as regras como estabelecidas e mantidas pelo consenso social.

O processo educativo visa conduzir a criança a sair de seu egocentrismo, natural nos primeiros anos, caracterizado pela anomia, e aos poucos a criança avança para a heteronomia e após este estágio ela é encaminhada para sua própria autonomia moral e intelectual que é o objetivo da educação moral.

Este processo de cooperação instalado pela prática pedagógica dos grupos de trabalho, disciplina o egocentrismo, as crianças colaboram verdadeiramente e assim lentamente as regras vão sendo aceitas, refletidas, consideradas úteis e interiorizadas.

2.1 Desenvolvimento moral, segundo Piaget

Na obra “O Julgamento Moral na Criança”, publicado em 1932 de Jean Piaget, o pressuposto básico para o desenvolvimento moral é que este é sempre

construído. Piaget identificou em seus estudos três fases que caracterizam o desenvolvimento moral: Anomia, Heteronomia e Autonomia Moral.

A criança nasce em um regime de anomia, caracterizado pela ausência de regras, ela não tem noção do que é certo ou errado, as regras não são compreendidas. Por volta dos 3 ou 4 anos de idade, a criança começa a questionar: Pode-se fazer ou não se pode? É bom ou mau ?

Geralmente, até os 5 anos de idade a moral é determinada pelas necessidades básicas e as regras são obedecidas pelo hábito e não por uma consciência do que é certo ou errado.

Dos 5 anos até aproximadamente os 9/10 anos as crianças vivenciam a 2ª fase do desenvolvimento moral, denominada de heterônoma, caracterizada pela regulação externa. Nesta fase, obedecer a regras depende das situações ambientais e das relações com o outro. A regra é justificada pela autoridade de quem a impõe, a criança não consegue identificar se a regra é necessária ou não, se é justa ou útil para alguns ou para todo o grupo. O certo para a criança é cumprir a regra, sem questionar ou refletir sobre a mesma. Nesta fase a criança não consegue analisar os contextos dos fatos, para ela um homem pobre que rouba para dar comida aos filhos é tão errado quanto o que mata os próprios filhos.

Por volta dos 9/10 anos a criança começa a ter condições intelectuais de construir a sua Autonomia e assim vai substituindo a Heteronomia pela Autonomia. A construção da Autonomia é um processo que não tem fim, seguirá pelo resto da vida.

Para Piaget (1932), a construção dos valores morais depende da interação da criança com os diversos ambientes sociais. A convivência com o grupo vai permitir a criação de hipóteses, vai desenvolver o raciocínio, vai possibilitar a percepção e as conseqüências da própria ação e das ações do grupo. A moralidade da criança necessita ser desequilibrada para que surja a necessidade de refletir e assim avaliar e recriar novas hipóteses.

O desenvolvimento da moralidade é fundamental para que a vida em grupo seja possível, todo ser humano deve ser capaz de analisar e avaliar as regras de seu grupo, deve analisar se estas estão de acordo com a promoção da justiça, igualdade, solidariedade e liberdade, princípios que alicerçam a dignidade humana.

2.2 Teoria do Julgamento Moral de Lawrence Kohlberg

Segundo BIAGGIO (1981, p. 23), Lawrence Kohlberg iniciou seus trabalhos sobre desenvolvimento moral com sua defesa de tese de doutorado em 1958, na Universidade de Chicago, alguns anos depois se fixou na Universidade de Harvard e lá deu continuidade às suas pesquisas, até sua morte em 1987, aos 59 anos de idade.

Partindo do princípio de conflito cognitivo, Kohlberg elaborou seu trabalho, que visava a solução de dilemas morais. Seu dilema mais conhecido e utilizado é o seguinte: “A esposa de um homem estava morrendo. Havia um remédio que a salvaria, mas era muito caro e o farmacêutico que o inventara não vendia por preço mais baixo. O homem deveria roubá-lo para salvar a esposa ? ”

Com base nos julgamentos, justificativas, escolhas e soluções encontradas pelos entrevistados para os diversos dilemas morais, Kohlberg definiu três níveis de raciocínio moral, cada um deles subdividido em dois estágios, totalizando assim seis estágios de julgamento moral. Os estágios apontam maneiras de raciocinar, e não conteúdos morais

Regras morais são construídas socialmente com base em princípios que visam o bem comum, são baseadas na ética. Por exemplo, não bater e não xingar. São regras indiscutíveis e válidas em qualquer situação. As regras convencionais são definidas pela escola e visam objetivos específicos. Por exemplo, não usar celular na escola.

Na prática é possível observar e vivenciar que não é fácil distinguir o que é moralidade e o que é convenção. As crianças não conseguem enxergar a utilidade de tantos combinados, elas não sentem necessidade de respeitá-los e acabam se voltando contra as normas. (**anexo 1**)

Concluindo, o processo de desenvolvimento da moralidade é gradual e se desenvolve ao longo da vida, mas ele necessita de desequilíbrios capazes de induzir

o sujeito a repensar suas hipóteses e compreender os fundamentos e objetivos das normas. O indivíduo só será capaz de refletir e questionar seus próprios valores se for desequilibrado pelos valores de outros indivíduos, sendo assim o desenvolvimento da moralidade não é um processo solitário. Discutir, analisar, compreender pontos de vistas diferentes, saber lidar com a liberdade e assim se auto-disciplinar deve ser um dos objetivos propostos pela escola e a prática de turmas organizadas em grupos de trabalho é essencial para o desenvolvimento moral e aprendizagens baseadas na cooperação e colaboração.

2.3 O contexto escolar e a informática

Seria afoito pretender que as escolas públicas, de um golpe, adotem computador um a um. Não temos máquinas, não temos professores, não temos infraestrutura eletrônica, não temos ambientes escolares. No entanto, precisamos começar seriamente a pensar no caso. No mínimo, as escolas de tempo integral deveriam nascer já tecnologicamente corretas. Na prática é um desperdício manter a criança o dia todo na escola para fazer o tradicional. Para que possam aprender o dia todo, sobretudo para que se supere o instrucionismo avassalador, é fundamental reconfigurar o compromisso de aprender bem e este não se desenha mais sem as novas tecnologias. Cuidado maior, no entanto, merecem os professores, Não se faz uma escola renovada com professores tradicionais. (DEMO, 2009. p. 113)

Quando o estágio iniciou a escola já possuía um Laboratório de Informática bem estruturado com 12 computadores ligados em rede, com uma impressora e scanner. Em maio de 2010 a escola recebeu do Ministério de Educação e Cultura (MEC), novos equipamentos, totalizando assim 18 computadores que foram instalados em rede, porém desde o início da instalação houve problemas com a conexão com a internet. Todos computadores possui sistema operacional LINUX e uma série de aplicativos educacionais.

Entre os professores da escola há um consenso que acredita ser importante a inclusão da informática no currículo, entretanto a pouca experiência com essa tecnologia acaba gerando muita resistência. O ideal seria adaptar a informática ao currículo escolar utilizando o computador como material de apoio aos conteúdos lecionados e simultaneamente preparar o aluno para a sociedade informatizada. Hoje vivemos num mundo tecnológico e a informática não é uma ferramenta neutra que usamos para apresentar um conteúdo. O uso da tecnologia nos afeta, nos transforma, necessitamos aprender, exercitar e interagir com ela. Todos concordam que é necessário o uso das tecnologias. Mas fazer o quê no Laboratório de Informática ? A maioria prefere a presença de um monitor ou técnico de informática para ensinar as crianças, ficando assim o professor como um assistente tal qual os alunos. Se a escola não possui técnico de informática e nem monitor a solução mais adequada para tirar o Laboratório de informática do desuso seria cada professor levar seus alunos e lá desenvolver suas aulas, mesmo porque passar a tarefa de inclusão digital para outros pode não ser muito produtivo. Técnicos dominam bem a tecnologia, mas podem ter pouca experiência pedagógica.

Como resultado final o Laboratório de Informática fica praticamente fechado por todo o ano letivo. Os professores estudaram em uma época em que a Informática não fazia parte de suas vidas. Hoje vivemos num mundo tecnológico, por isto, precisamos repensar e modificar nossa prática. O ideal seria uma mobilização em prol da capacitação de todos os professores, não é preciso ser um especialista, mas dominar alguns recursos e aos poucos transformar a própria prática. Ver as novas tecnologia como aliadas do processo de ensino e aprendizagem, não se faz inclusão digital com professores tradicionais.

As TIC's transformam o ambiente escolar, conforma Demo (2009, p. 35) tão bem esclarece:

Mudança fundamental é passar do livro-texto, da apostila, do professor instrucionista, para um ambiente de produção própria colaborativa, sob orientação maiêutica. Não se prioriza transmissão de conteúdos, não só porque não cabe (a mente não copia conteúdos, os reconstrói), mas porque, estando os conteúdos disponíveis, trata-se de os refazer, renovar, tornando-se o modo de aprender pelo menos tão importante quanto saber lidar com conteúdos. O aspecto formativo nunca é menos relevante que o tratamento dos temas. Precisamos por isso, pesquisa e elaboração são fundamentos docente e discente, aliando dois resultados essenciais: o metodológico (construir conhecimento metodologicamente adequado) e o pedagógico (formar melhor o estudante).

III. RELATO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Intitulei o projeto desenvolvido durante a prática de estágio como “Cada um tem o seu jeito de ser e ver o mundo”.

O início do meu estágio coincidiu com minha transferência para a escola onde eu o desenvolvi. Foi um período difícil, em função do novo ambiente de trabalho, novas regras, novas colegas, novas exigências e desafios, enfim um período de adaptação repleto de inseguranças e de dificuldades.

Depois de quatro anos estudando teorias educacionais, me apropriando do uso e conhecimento de recursos tecnológicos como blogs, wikis, ferramentas de autoria como o PowerPoints, ambientes de aprendizagem, como o Rooda, fóruns e outros tantos, recursos, era chegada a hora de utilizar, de alguma forma, minha bagagem tecnológica, com os alunos.

O título do livro “ Ninguém é igual a ninguém ” parecia ecoar em minha prática, que procurava ser adequada à pedagogia que promove a construção do conhecimento e na qual o professor se torna um mediador da aprendizagem.

Ter estas idéias, por muitas vezes, me fizeram sentir como se fosse um peixe fora d'água por tentar ser construtivista em um ambiente marcado pelo instrucionismo.

Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende

ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p. 23)

Durante o período do estágio a grande maioria dos alunos estavam com 8 anos de idade, entretanto denotavam um comportamento compatível com a fase da anomia (a: negação; nomia: regra, lei) moral, diante desta constatação não dei continuidade ao Projeto de Aprendizagens.

A primeira semana de estágio iniciou com a tentativa de trabalhar com os alunos usando a metodologia dos Projetos de Aprendizagens. A produção de um Projeto de Aprendizagem proporciona convívio entre colegas, discussão, troca de idéias, ajuda mútua, mais oportunidade de acertar, mais confiança e menos dúvidas e o trabalho fica mais completo e lúdico.

Entretanto para a concretização do Projeto de Aprendizagem se faz necessário a participação e concentração de todo o grupo, aceitação de opiniões divergentes, compreensão e complementação de idéias, evitando assim a crítica, zelar pelo respeito, responsabilidade, empenho coletivo, colaboração, cooperação, democracia e organização.

Chegamos a elencar uma série de questões e curiosidades, que poderiam dar ensejo ao desenvolvimento de vários projetos interessantes (**ver anexo 2**), entretanto a idéia foi descartada diante da extrema agitação dos alunos, da falta de organização, colaboração e cooperação entre eles. A auto-disciplina é um objetivo a ser atingido, mas demanda tempo e amadurecimento das crianças.

Decidi então iniciar o trabalho em grupos com a atividade de confecção de um livro denominado de “ Eu sou assim ... “, baseado no livro “ Ninguém é igual a ninguém – O Lúdico no conhecimento do ser ” de Regina Otero e Regina Rennó.

Os grupos foram formados por amizade e afinidade, com no máximo 5 participantes.

As primeiras atividades foram muito agitadas, mas aos poucos com muita paciência e discussão os alunos se tornaram um pouco mais tranquilos e a turma foi

lentamente desenvolvendo o hábito de trabalhar em grupos com colaboração e cooperação.

A Arquitetura Pedagógica escolhida tem também por base o uso das TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação, ou seja a apropriação do conhecimento e uso de Blogs, PbWorks, jogos educativos (Tux Math e Tux Paint), tentando assim incluir no currículo o uso do Laboratório de Informática e propiciar aos alunos conhecimentos ligados a novas tecnologias.

O uso das TIC's causou alegria e entusiasmo para os alunos, pois aproximadamente 50% da turma não possui computador em casa, ou se possui não conta com o acesso à internet. Alunos motivados de um lado e do outro uma professora consciente e determinada, mas ao mesmo tempo temerosa e preocupada, pois pela primeira vez iria desenvolver uma aula dentro de um Laboratório de Informática

Dando continuidade ao planejamento, iniciei a proposta de criação de um blog colaborativo para a turma. Alunos do 3º ano fundamental estão em processo de concretização da alfabetização, sabem ler e escrever, entretanto lhes faltam fluência e interpretação na leitura e ao escrever demonstram desconhecer a correta ortografia. Blogs são diários pessoais ou colaborativos, com publicações cronologicamente inversas, que possibilitam produções de textos e imagens de forma simples e intuitiva. O uso de blogs na educação reforça os objetivos educacionais de saber ler com fluência, escrever corretamente e interpretar textos.

Atinge estes objetivos de forma atrativa, confortável, dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que todo aluno que possuir em casa computador com conexão à internet pode se tornar um autor/colaborador.

Blogs também proporcionam familiaridade com computadores e internet, contribuindo para o desenvolvimento da fluência digital, tão necessária para no futuro o aluno ter êxito na era digital, em futuras aprendizagens e também para se adequar ao mercado de trabalho.

Aprimorar o processo de alfabetização e fluência digital, estes foram os objetivos norteadores da proposta de criar um blog para a turma.

Para introduzir a ferramenta Blog, realizei uma atividade denominada de “Blog de Parede”, uma espécie de mural confeccionada com papel pardo, no qual cada aluno teria o seu espaço para colar desenhos, escrever textos, poesias, letras de músicas, colar adesivos e imagens retiradas de revistas ou jornais.

Inicialmente perguntei se eles sabiam o que era um Blog, apenas 3 alunos tinham alguma idéia, mas não conheciam as possibilidades desta ferramenta. Sendo assim conversamos sobre algumas das possibilidades de um Blog, tais como:

Blog é uma página, um espaço na WEB, onde é possível produzir (postar / editar) textos, poemas, poesias inserir imagens, vídeos, músicas, slides e outra ferramentas. É um espaço interativo, é possível deixar comentários, ler, reler e reescrever as produções. Muitos confundiram blogs com emails, outros não conseguiram distinguir o que é público do que é privado. A noção de rede, de que se eu posso acessar determinada página em minha casa, outras pessoas também podem, também não está bem desenvolvida na maioria dos alunos.

Através do Blog, também é possível conhecer a opinião das outras pessoas, quando publicamos enquetes. Cada aluno ganhou seu espaço em papel pardo, no qual teve liberdade para escrever, desenhar e colar imagens. Todos os Blogs receberam um espaço destinado aos comentários. E com atividade estava dado o primeiro passo rumo ao uso das TIC's nesta turma de 3º Ano B.

Dando início ao processo de auto-conhecimento e auto-aceitação, já nesta primeira semana durante a “ Hora do Conto ”, li para eles a história do livro “ Ninguém é igual a ninguém ” .

O livro é narrado por um menino chamado Danilo que descreve a rua em que mora, “Moro em uma rua que não é grande nem pequena e tem gente de todo jeito. (OTERO;RENNÓ. 1994. p.3) e aos poucos vai descrevendo seus amigos “ Paulinho, meu vizinho da esquerda, é gorducho. Alguns meninos vivem gritando pra ele: Paulinho, baleia, saco de areia. Ele chora e chora.” (OTERO;RENNÓ. 1994. p.4).

A proposta do livro é o lúdico no conhecimento do ser e de fato de uma forma tranqüila e divertida o livro faz refletir sobre as diversidades e sobre a importância da auto-aceitação, “ Tenho outro amigo que queria ser o mais inteligente de todos. Ficava nervoso quando alguém aparecia com notas maiores de que as dele. Ora,

cada um tem a nota que tem, a casa que tem, a cor que tem. (OTERO,RENNÓ. 1994. p.10).

Após a leitura do livro e reflexão-dialogada os alunos iniciaram a criação de um livro denominado “ Eu sou assim ”, neste dia desenharam as suas casas e suas famílias. (**anexo 3**)

A segunda semana foi repleta de datas comemorativas: 18 de Abril - Dia do Livro (Conteúdos: Monteiro Lobato, Fábulas, leitura e interpretação de textos); 19 de Abril Dia do Livro (texto sobre a Inconfidência Mineira e confecção de um Jogo de Memória); 21 de Abril – Feriado; 22 de Abril - Descobrimento do Brasil - Texto, leitura e interpretação. E dando continuidade as atividades da Arquitetura Pedagógica realizamos a leitura do texto: Identidade (BANDEIRA, Pedro, Cavalcando o arco-íris, São Paulo, Moderna, 1991) e também conversei com a turma sobre o Blog da escola, que foi criado com intuito de trazer ao ambiente escolar a convivência com este recurso tecnológico. Como eu já havia constatado que aproximadamente 50% dos alunos possuem computadores com acesso à internet, outros podem acessar na casa de vizinhos e amigos, sendo assim convidei a turma a fazer uma visita no Blog da escola é deixar lá um comentário, porque eu havia deixado lá uma pequena surpresa para eles. Todos ficaram curiosos e a surpresa era a postagem de um slide-show com os desenhos de toda a turma sobre o tema Auto-Retrato. Pelos comentários deixados no Blog da escola é possível constatar que os alunos gostaram de ver seus trabalhos na WEB. (**anexo 4**).

A intenção pedagógica de apresentar para a turma o blog da escola e nele interagir com a publicação de um comentário, foi atingida aproximadamente por 50% dos alunos. Alguns alunos visualizaram o blog em casa, mas não souberam postar o comentário, outros solicitaram a ajuda de familiares e outros comentaram com sucesso. Inicialmente esta proposta foi programada para ser realizada no Laboratório de Informática da escola, mas este neste período estava sem conexão com a internet, sendo assim transferi para a próxima semana a finalização desta atividade.

Na terceira semana de estágio programei o conteúdo de introdução à centena com a turma organizada em grupos de quatro ou cinco alunos. A convivência com o outro, a troca de idéias, a reflexão sobre pontos de vistas divergentes, são fatores

fundamentais para o desenvolvimento da moralidade autônoma de reciprocidade. A turma estava dividida, apesar da idade média ser 8 anos, em dois grupos, uma parte dos alunos demonstravam estar agindo de acordo com o regime de anomia. Estes conversavam, gritavam, corriam e brincavam praticamente a tarde toda, tais atitudes qualificavam a turma como indisciplinada e difícil, perante a direção e o contexto escolar. Esta qualificação já vinha de anos anteriores, a turma já estava ciente deste fato e o aceitava, denotando uma baixa auto-estima destes alunos.

A tarefa principal da educação é formar o pensamento e este se forma pela oposição das vontades e das opiniões, pelas trocas de idéias, pelos conflitos e reflexões. A criança se descobre a si própria na medida em que aprende a conhecer os outros, por isto o trabalho em grupos que resulta em cooperação, desenvolve a socialização, a objetividade mental (razão) e formação de regras.

O material utilizado para esta primeira atividade em grupos foram alguns dados (um para cada grupo) e o Material Dourado. (**anexo 5**). A sala de aula por ser ampla e bem iluminada colaborou para a formação de grupos, de no máximo 4 ou 5 alunos, que se formaram por critérios de amizade e afinidade.

Os objetivos do jogo eram perceber o agrupamento das dezenas e centenas e as formas de registros. Em grupos de quatro, cada aluno joga o dado e pega em cubinhos a quantidade obtida no dado. O jogo segue até que alguém obtém a quantidade de 10 ou mais cubinhos. Em determinado momento questionei: Existe uma peça no Material Dourado que possa substituir a quantidade de 10 cubinhos ?

Após ouvir as respostas dos alunos, sugeri uma nova regra: A cada 10 cubinhos obtidos, estes devem ser trocados pela barrinha que representa a dezena. Logo em seguida fiz novo questionamento: Como podemos representar no papel a quantidade obtida por cada um dos alunos ? O objetivo do jogo é seguir até que alguém obtenha 1 centena = 10 barrinhas, que serão trocadas pela placa da centena, este aluno será o vencedor desta rodada.

O Material Dourado destina-se a atividades que auxiliam o ensino e a aprendizagem do sistema de numeração decimal-posicional e dos métodos para efetuar as operações fundamentais (ou seja, os algoritmos).

As relações numéricas abstratas passaram a ter uma imagem concreta, o que facilitou a compreensão das noções de unidade, dezena e centena de forma lúdica e colaborativa.

Foi nesta terceira semana de estágio, no dia 27 de Abril, que realizei com a turma a primeira visita ao Laboratório de Informática. A proposta de trabalho era visitar, conhecer e deixar um comentário no Blog da escola. Alguns alunos atingiram o objetivo, outros ficaram fixados nos jogos instalados nos computadores, e um terceiro grupo de alunos não conseguiu se concentrar nas atividades, se revoltaram com a necessidade de ter que compartilhar o computador com outro colega, correram pela sala, desligaram micros da tomada, geraram conflitos e desarmonia.

Mais do que ter domínio das tecnologias o professor ao entrar em Laboratório de Informática, precisa ter muita paciência e compreensão de que os alunos estão em pleno desenvolvimento moral, eles gostam de ir ao Laboratório de Informática, são curiosos e procuram explorar os recursos dos computadores, principalmente os que não possuem computadores em casa.

Resumindo, a atividade foi muito agitada, sai um pouco desanimada, mas compreendo que as atitudes de cooperação e colaboração se desenvolvem lentamente. (**anexo 6**)

Percebi que ao tentar incorporar o uso do Laboratório de Informática no currículo do Ensino Fundamental, esbarrei em uma série de fatores:

A escola possui o espaço físico, o LI, mas este permanece a maior parte do tempo fechado, por ser pouco utilizado muitos aplicativos estão desatualizados, há necessidade de configurar e baixar drives, e estas atividades demandam tempo extra, pois com a turma é impossível tentar instalar ou configurar os computadores.

O sistema operacional da maioria das escolas é o LINUX, é um sistema semelhante ao Windows, por isto abrir e fechar programas se torna fácil, mas para configurar o sistema e instalar aplicativos, tem muitas diferenças e confesso que tive dificuldade para instalar softwares em computadores ligados em rede. Para tentar me adaptar, fiz o download em pendrive do LINUX Educacional 3.0 para usar em casa e assim me sentir mais segura lá na escola com os alunos.

Os alunos desde o 1º ano aprendem a trabalhar sentados em mesas enfileiradas, muitas vezes afastadas umas das outras, visando a diminuição da

conversa para garantir um ambiente escolar adequado e tradicional. A falta de vivência de trabalhar em grupo ou em outros ambientes gera agitação e conflitos, mas isto com o tempo tende a diminuir.

O uso da informática também gerou um clima de resistência generalizado no ambiente escolar. Muitos professores ficaram apreensivos com a possibilidade de danos aos equipamentos. Outros por não dominarem as novas tecnologias se recusam a utilizá-las com os alunos. Outros ficam preocupados, pois as notícias correm no ambiente escolar e se incomodam com a possível possibilidade de questionamento dos alunos quanto ao uso do Laboratório de Informática. Fato que de fato ocorreu lá escola, muitos alunos de outras turmas questionaram: - Por que só o 3º Ano B visita o Laboratório de Informática ? E agora ? O que responder ? Alguns pais gostam da idéia, outros pensam que a atividade se resume em jogos e conotam as aulas como perda de tempo, preferem aulas com quadros cheios de cópias e muitos temas de casa. Para não se deixar abater pelo clima pessimista é preciso ter muita segurança e determinação, é preciso acreditar que está mais do que na hora de adotar a informática no ensino fundamental.

Quarta semana de estágio, e com a proximidade do “ Dia das Mães ”, esta semana foi marcada por um clima de alegria afetiva, as atividades se concentraram em Educação Artística (Pintura de um Porta-Chaves e de um cartão modelo Mandala), Educação Musical (Ensaio da música Amor-Perfeito) e Língua Portuguesa (leitura e criação de poemas dedicados às mães). **(anexo 7)**

As atividades desta semana deixaram os alunos mais tranquilos, as atividades de artes realizadas em grupos, aproximaram os alunos, estimularam a criatividade e afetividade, pois todos capricharam muito nas pinturas dos presentes para as mães.

No decorrer das semanas seguintes o planejamento do estágio seguiu entre progressos e dificuldades, algumas contornadas, outras não.

As atividades ligadas ao auto-conhecimento e auto-aceitação foram desenvolvidas com êxito e aos poucos a turma foi instigada a falar e reconhecer os seus sentimentos. Os temas: Cuidar do seu corpo; ficar mais calmo; respeitar os outros; cuidar bem das suas coisas; prestar mais atenção nas coisas; ser mais

atento; a folha de papel amassado e todos os necessários foram desenvolvidos, contribuíram para o desenvolvimento moral da turma.

A atividade “ Papel Amassado ”, consiste em distribuir um pedaço de papel para cada aluno, em seguida explicar que inicialmente é atividade livre e eles podem fazer o que quiser com aquele pedaço de papel. Todos fizeram um desenho em seus papéis. Após esta etapa solicitei que todos amassassem seus papéis. Alguns amassaram imediatamente, outros ficaram pesarosos em ter que amassar seus desenhos. Logo em seguida disse que todos deveriam desamassar seus desenhos, que deveriam deixar o papel bem lisinho. Todos disseram que isto seria impossível. E neste momento lhes perguntei: O que aprendemos com esta atividade ? E utilizando as respostas dos alunos, concluímos que algumas coisas são irreversíveis, ou seja é impossível voltar ao estado anterior. O diálogo seguiu com exemplos de ações que são irreversíveis como, quebrar um brinquedo, deixar a merenda cair no chão, esquecer materiais na sala de aula e gradativamente o diálogo evoluiu para ações de desrespeitos verbais e físicos. Conversamos sobre os nossos sentimentos, elaboramos uma analogia entre eles e a folha de papel amassado, comparamos os sentimentos de felicidade, amizade, carinho e amor com uma luz que ascende em nosso peito e que da mesma forma os sentimentos de tristeza, raiva, ciúme e inveja apagam a nossa luz interior.

Em situações de conflitos (brigas, agressões físicas, ofensas verbais e gritos) sempre procuro questionar os envolvidos sobre seus sentimentos se estivessem no lugar do colega que foi agredido e também lhes pergunto o que se pode fazer para reparar todo mal estar e dano causado ao colega. Após a atividade da “ Folha de Papel Amassado “, com frequências eles expressavam seus sentimentos citando a folha de papel amassado, diziam que tinham ficado chateados com os colegas, mas que iriam perdoar e voltariam a ser amigos. As crianças mais agressivas diziam compreender que não podiam continuar agindo daquela forma e se comprometiam e não brigar mais, alguns conseguiram cumprir o combinado, outros mantiveram o comportamento agressivo e impulsivo.

Com a finalidade de dar sentido às regras com o auxílio de um mapa parcial do bairro da escola, identifiquei com os alunos as principais ruas, o sentido do deslocamento dos carros, os locais com semáforos e faixas de segurança.

Criei situações imaginários do tipo: Se os carros desta rua não obedecerem o sinal vermelho, o que acontecerá ? Se os automóveis pararem em cima da faixa de segurança, de que forma os pedestres irão atravessar a rua ? Será possível um grupo de crianças andar de bicicleta no meio dos automóveis ? Partindo das respostas dos alunos o diálogo foi conduzido a conclusão de que regras são necessárias para uma boa convivência, e que estas devem ser respeitadas por serem úteis e importantes, pois evitam acidentes e confusões.

Em seguida o diálogo foi direcionado para a sala de aula e neste momento questionei aos alunos sobre quais atitudes eles achavam importantes para o estudo e a aprendizagem. A turma elencou uma série de regras já conhecidas por todos eles como: Não conversar; não gritar; não sair do lugar; não bater nos colegas, respeitar os colegas; cuidar do material; enfim aproximadamente 17 itens foram sugeridos. Concluí dizendo que esta relação de fato contribui para uma clima adequado de estudo, que todos eles demonstraram reconhecer regras importantes e que isto mostra o quanto eles estão maduros e conscientes. As regras foram anotadas em um papel pardo que foi fixado na sala de aula e todos assinaram e se comprometeram a colaborar e cumprir as regras criadas pelo grupo.

Esta atividade busca esclarecer os propósitos e as conseqüências das regras e estabelece um compromisso baseado na reciprocidade, fatos que são compatíveis com a fase da autonomia moral.

Neste mesmo dia estabelecemos dois códigos para sinalizar barulho e desordem em níveis elevados. Sempre que alguém estiver descontente com a agitação ou excesso de conversa poderá levantar a mão direita por alguns segundos e todos que concordarem deverão fazer o mesmo e se manter em silêncio. Apagar por alguns segundos a luz da sala foi outra alternativa proposta e utilizada. Como foi dito a turma possui um perfil agitado e nas primeiras semanas estes dois comandos foram utilizados apenas pela professora. Entretanto com o passar do tempo alguns alunos passaram a solicitar silêncio e ordem desta forma e todos entenderam e se acalmaram. Mais uma vez a noção de reciprocidade e cooperação foram ativadas, visando um desenvolvimento moral autônomo.

Também refletimos que solicitar silêncio aos gritos não é eficiente uma vez que aumenta o barulho e a confusão.

Procurei estar sempre atenta ao ato de refletir, em todos os eventos ocorridos (brigas e insultos) busquei a solução invertendo os papéis, questionando sobre os sentimentos dos envolvidos e sobre uma forma de solucionar o ocorrido. O fazer pensar contribui para que as crianças avancem em seu desenvolvimento moral. Se na fase de heteronomia moral as regras são absolutas e imutáveis para as crianças, refletir e questionar as regras possibilita a criança avançar para a autonomia moral. Avaliamos algumas regras e identificamos as suas conseqüências.

Com o passar das semanas os grupos se tornaram mais tranqüilos, as atividades propostas foram realizadas com eficiência, a turma se envolveu e assimilou os conteúdos programados como: Centena, dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, dobro, triplo, quádruplo, adição com transporte, subtração com retorno, leitura e produções textuais ganharam gradativamente mais criatividade e qualidade de escrita.

Se no campo do desenvolvimento moral e social o planejamento atingiu seus objetivos, no campo de uso e introdução das TIC's Tecnologias de Informação e Comunicação, o planejamento seguiu com muitos obstáculos e mudanças de planos. Boa parte das atividades planejadas não foram concluídas devido a falta de conexão com a internet, entre elas o trabalho com blogs (foi criado um blog para a turma) e a produção de textos com uso do PbWorks.

Praticamente todos os planejamentos realizados com base nas informações da direção de que técnicos iriam configurar e instalar o acesso com a internet no Laboratório de Informática, foram alteradas muitas de emergência com o uso de “ Planos Bs ” improvisados, outras já foram criadas com possíveis alterações. Sendo assim as visitas ao Laboratório de Informática foram marcadas pela flexibilidade e surpresas. Por três vezes entrei no LI, com a certeza de que todos os computadores estavam conectados com a internet, porém chegando lá o quadro era sempre o mesmo: dos 18 computadores, apenas 5 tinham acesso à internet. Como trabalhar com blog e wiki desta forma ? A solução foi trabalhar e adaptar o planejamento ao que o Li nos oferecia. E assim trabalhamos com produções de desenhos e textos, utilizando o TuxPaint. (**anexo 8**).

A turma explorou com destreza o aplicativo Tux Paint, um programa livre de desenho para crianças de 3 a 12 anos, que combina uma interface de uso fácil, com

efeitos sonoros e a presença do mascote do Linux o pingüim Tux. Com criatividade a partir de uma tela em branco e com o auxílio de uma variedade de ferramentas (vários pincéis, paletas de cores, carimbos, imagens fotográficas, desenhos animados, ferramentas de linhas, de formas, de texto, de mágicas e efeitos especiais) os alunos criaram vários desenhos.

Outro aplicativo utilizado foi o TuxMath, ao tentarem resolver cálculos (adição, subtração, multiplicação e divisão) para defender os pingüins os alunos desenvolvem o raciocínio e concentração. Alunos que em sala de aula não resolviam exercícios de matemática (por falta de concentração ou recusa de copiar do quadro) durante o jogo se mantiam concentrados, comprovando assim que as tecnologias são ferramentas úteis, capazes de adicionar conteúdos e ludicidade à prática docente,

Outro aplicativo utilizado foi o GCompris, que possui várias atividades para crianças de idade entre 2 a 10 anos. Todas educacionais divididas em links de acordo com o propósito de cada uma. O GCompris oferece oito (8) grupos de atividades que correspondem as seguintes áreas: Descoberta do computadores, (mouse e teclado); matemática; ciências (simulação elétrica, controle do canal, ciclo da água, o submarino); geografia; jogos (xadrez, memória, ligue 4, quebra-cabeças ...); leitura; identificação de horas e produção de história em quadrinhos.

O GCompris foi uma espécie de “ Plano B ”, ao me deparar com a impossibilidade de conexão com a internet a solução foi explorar com a turma os recursos deste aplicativo. Os projetos de produções textuais e postagens em blogs e wikis foram descartados e substituídos por produções textuais no TuxPaint e exploração do GCompris.

O estágio foi marcado pela flexibilidade, os objetivos traçados inicialmente, não foram totalmente atingidos, entretanto a turma não deixou de conhecer e desenvolver habilidades tecnológicas. Apesar das dificuldades a Arquitetura Pedagógica cumpriu seu objetivo de iniciar na escola uma alfabetização tecnológica, a turma se ambientou com o ambiente LINUX, explorou os recursos instalados adequados a sua faixa etária e mostrou dominar as ferramentas utilizadas (TuxPaint, TuxMath e GCompris).

3.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução da informática no ambiente escolar é um processo lento marcado por uma série de obstáculos, entretanto lembrando Demo (2009. p. 112): “Aprendizagem virtual veio para ficar. Não apaga outros modos de aprender, mesmo tradicionais, mas vai se impondo como modo dominante. Tem tudo para se apenas modismo, mas pode igualmente tornar-se oportunidade alargada para todos.” Atualmente vivemos em um mundo tecnológico, é impossível ignorar a presença e importância da tecnologia em nossas vidas, sendo assim nada mais coerente do que se apropriar destes conhecimentos e paulatinamente introduzi-los no contexto escolar em que atuamos.

O mercado de trabalho, a globalização exige da sociedade competências tecnológicas. O ambiente educacional se mostra preocupado com a qualidade e com o saber aprender. Ter acesso à tecnologia é um direito de todos, mas infelizmente há muita resistência, falta coragem e preparo dos professores, que evitam usar o Laboratório de Informática. A maioria se apegua a forma tradicional de ensino, sem conseguir visualizar o potencial educativo que as TIC's (tecnologias de Informação e Comunicação) possuem quando utilizadas como recurso pedagógico.

A tecnologia facilita e modifica nossas ações, nos envolve e fascina, isto pode ser comprovado com as atividades de desenho e produções textuais realizadas pelas crianças. Escrever num editor de texto é diferente do que escrever à mão no caderno, exige uma nova forma de escrever, pensar e agir.

De um lado o progresso tecnológico (novos softwares, novas mídias, novos sistemas operacionais, novas redes sociais ...), de outro a inércia da escola.

Minha prática de estágio teve dois focos básicos, o autoconhecimento e as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação), o primeiro foco me trouxe alegrias e gratificações, pois foi possível observar o amadurecimento da turma.

O desenvolvimento moral é um processo lento, mas as atividades em grupo colaboraram para o fortalecimento de laços de amizade, a turma se tornou mais

amiga e unida. Em algumas atividades os grupos foram criados visando as diferenças e todos passaram a se respeitar mais, fato comprovado pela diminuição de casos de agressões verbais e físicas, o ambiente ficou mais calmo e produtivo. Inimizades foram substituídas por simpatia e amizade, certa vez ouvi uma aluna dizer: “ Eu não gostava do ..., mas agora eu sei que o jeito dele é assim mesmo, até que ele é legal !” O aluno em referência apresentou dificuldades de relacionamento no ano anterior e acabou se isolando da turma, pois se relacionou com um único amigo, que neste ano trocou de escola. Atualmente o aluno citado pela menina se relaciona com todos, ainda surge alguns problemas devido a sua agitação e agressividade, mas ele está participando e se sente incluído no grupo

Infelizmente sobre o segundo foco, as TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) minha experiência de estágio comprovou o que muitos autores já citaram, não basta ter um laboratório equipado, há uma série de fatores envolvidos neste processo de inclusão digital. Os professores devem estar preparados, devem buscar o conhecimento tecnológico. Os bons resultados que obtive nesta Arquitetura Pedagógica foram frutos do curso de pedagogia a distância, pois certamente há quatro anos atrás eu também estaria temerosa diante das novas tecnologias. Entretanto a busca de conhecimento deve ser uma atividade contínua, há um mundo de possibilidades e novidades na rede. Pesquisar, testar e analisar softwares educativos, ter um pouco de conhecimento técnico e atualizar softwares são atividades essenciais para todo professor que busca incluir a informática em sua prática.

A proposta de criação de um blog e de um wiki para a turma, visava desenvolver a colaboração, o intercâmbio, a autoria e autonomia, visando fazer da informática uma extensão da sala de aula . Quando usamos a internet como ferramenta de pesquisa estamos lhe atribuindo características do instrucionismo e deixamos de enfatizar que o grande potencial da internet é a comunicação. Utilizar a internet objetivando a pesquisa, a informação a transforma em um livro didático digital.

Infelizmente, devido a falta de conexão em todos os computadores do Laboratório de Informática da escola, a proposta de criação e produção textual em blog e wiki, foi iniciada de forma tímida, posso dizer que os alunos já conhecem

estas ferramentas, mas não as experimentaram, nem exploraram os recursos encontrados em editores de textos digitais.

Entretanto os alunos ao contrário dos professores, se dão muito bem com as novas tecnologias e sendo assim o Editor de Imagem TuxPaint, foi explorado e utilizado de forma criativa e lúdica por todos os alunos. O mesmo ocorreu com os jogos educativos do Aplicativo GCompris.

Muitas dificuldades e incompreensões surgiram durante o estágio, muitos objetivos não foram atingidos, mas o primeiro passo foi dado, foi minha primeira experiência com alunos em um Laboratório de Informática, muito eu aprendi e muito ainda tenho que aprender para poder dar continuidade neste processo de inclusão digital nos próximos anos, com as próximas turmas.

Acredito que toda prática pedagógica deva ser atenta ao desenvolvimento moral dos educandos, exercícios para o autoconhecimento e auto-reflexão são fundamentais para desenvolver a autonomia e a auto-estima das crianças. Quem se conhece, se respeita, se ama, é mais feliz e criativo.

Educação digital é um direito de todos, a escola precisa urgentemente assumir com responsabilidade este compromisso.

IV. REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Da informação ao conhecimento: Resignificação da Escola.** Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4164/3903>. Acessado em 12/10/2010.

BIAGGIO, Ângela Maria Brasil. **Pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento e da personalidade.** Porto Alegre: Ed. Da Universidade, UFRGS, 1984. 217 páginas.

BIAGGIO, Ângela Maria Brasil. **Psicologia do Desenvolvimento.** Vozes, 1981. 280 páginas.

DEMO, Pedro. **Educação Hoje: “ Novas ” Tecnologias, Pressões e Oportunidade.** São Paulo: Atlas, 2009. 137 páginas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.**

OTERO, Regina; RENNÓ, Regina. **Ninguém é igual a ninguém: “ O lúdico no conhecimento do ser ”.** São Paulo: Editora do Brasil, 1994. 32 páginas. Coleção Ludo Ludens.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética / Sabedoria e ilusões da filosofia; Problemas de psicologia genética; Jean Piaget;** traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Celia E. A. Di Piero. – 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1983. Os pensadores. Editor: Victor Civita. 294 páginas.

PIAGET, Jean. **O trabalho por equipes na escola: Notas psicológicas.** Revista Psicopedagógica 15 (36)- 1996. Tradução Fieury, Luiz G. (Revista de

Educação - Diretoria do Ensino do Estado de São Paulo set/dez 1936). Adaptação para o português moderno Botelho Andrea A. Disponível em: http://tccalvorada.pbworks.com/f/Piaget_TrabalhoemEquipes.pdf

Acessado em: 02/10/2010.

V. ANEXOS

Anexo 1

Relação das regras definidas pela escola para o ano de 2010:

- É obrigatório o uso do uniforme escolar.
- É proibido o uso de camisetas de times devido à ocorrência de brigas e invasão de pessoas que não pertencem à escola.
- Não será permitido trazer para a escola bolas de futebol, celular, máquinas digitais, MP4, headphones, pois a escola não se responsabilizará pelos mesmos (Lei Estadual).
- O horário de entrada é às 13 hs e 30 mins. E o horário de saída é às 17 hs e 30 mins. Ao sinal de entrada os pais deverão deixar as crianças no saguão.
- Aluno que chegar atrasado deverá passar pela Direção.
- Nas segundas-feiras será cantado o Hino Nacional às 15 hs e 30 mins.
- Nas sextas-feiras será cantado o Hino Rio-Grandense.
- Os pais deverão observar o tamanho das mochilas, assim com se estas contem todo material escolar.
- Não será permitido comemorar aniversário nas dependências da escola.
- Os pais deverão identificar com nome, série/ano e turma todos os materiais escolares, inclusive o vestuário.
- Os alunos deverão ter pontualidade na entrega de livros emprestados da biblioteca, assim como os cuidados básicos com os mesmos: não molhar, amassar, escrever, sujar, recortar, desenhar, etc.
- Trazer diariamente a agenda escolar.
- Deslocar-se em filas para a sala de aula.
- Não é permitida a “ comercialização “ de objetos dentro da escola.

- Os pais deverão fiscalizar a higiene dos filhos e do vestuário (cabelos, limpos, sem piolhos ou lêndeas; unhas aparadas e limpas;tênis lavados e arejados, etc. (.
- Observar os dias de Educação Física e o uso de uniforme indispensável para a prática dos exercícios físicos: camiseta, calça de abrigo ou bermuda, tênis, cabelo preso ...
- Diariamente evitar o uso de sandálias e tamancos, dando preferência ao uso do tênis.
- O material escolar deverá ser simples e identificado. Evitar canetinhas e folhas muito coloridas.
- Não será permitido jogo de futebol no recreio devido a agitações e brigas.
- Solicitamos aos pais incentivarem seus filhos a incluírem em seu vocabulário cotidiano, o uso de expressões como: Muito obrigado, Por Favor, Com licença ...
- O portão da garagem é de uso exclusivo dos professores e funcionários, portanto não é permitida a entrada de alunos, automóveis, motos, etc.
- O atendimento aos pais ocorrerão em quartas-feiras, conforme cronograma do professor.

Esta lista é lida aos pais e alunos na reunião de início de ano e também é relida em todas as entregas de avaliações.

Anexo 2

Relação das perguntas, registradas pela ordem em que surgiram em 12/04/2010, visando a produção de um PA – Projeto de Aprendizagens:

- Por que a baleia é grande ?
- Por que eu gosto tanto do escorregador da pracinha ?
- Por que o Sol brilha ?
- Por que a gente existe ?
- Por que a gente tem que ir na escola ?
- Por que as borboletas voam ?
- Por que existem pessoas ?
- Por que a borracha apaga ?
- Por que as letras dos médicos são tão difíceis de entender ?
- Por que o Sol queima a Terra ?
- Por que existem golfinhos ?
- Por que tem gente tão pequena e outras tão grandes ?
- Por que existe o mundo ?
- Por que tem gente com letra tão bonita ?
- Por que o pescoço da girafa é tão grande ?
- Por que o país é tão grande ?
- Por que as flores são perfumadas ?
- Por que existe fotos ?
- Por que existem coisas ruins ?
- Por que existe o mundo ?
- Por que existem os amigos ?
- Por que existem os inimigos ?

- Por que existem as velinhas de aniversários ?
- Por que existe Marte ?
- Por que os tubarões são brabos ?

- Nas questões grifadas com amarelo é possível identificar conflitos ou experiências vividas pelas crianças.
- O aluno que fez a pergunta sobre a letra dos médicos, relatou que certa vez nem o farmacêutico conseguiu entender a letra de uma receita sua.
- Escorregador de pracinha, velinhas de aniversário, borracha e letra bonita, fazem parte da vivência infantil.
- O aluno que questionou sobre: " Por que a gente tem que ir na escola ? " - desde o 1º dia de aula deste ano afirma " odiar " a escola, é muito agressivo com os colegas, diz não gostar e nem precisar de amigos e se nega a fazer as atividades. Os colegas relatam que ele sempre teve este perfil, desde o 1º ano. A maioria riu ou disse " Outra vez esta história ", quando ele fez esta pergunta, pois dizer que odeia a escola, já é um hábito para este aluno.
- A questão sobre amigo ou inimigo, eu acredito que decorra da própria infância que leva muito a sério as pequenas brigas, tanto que durante o mesmo dia, brigam e fazem as pazes várias vezes.

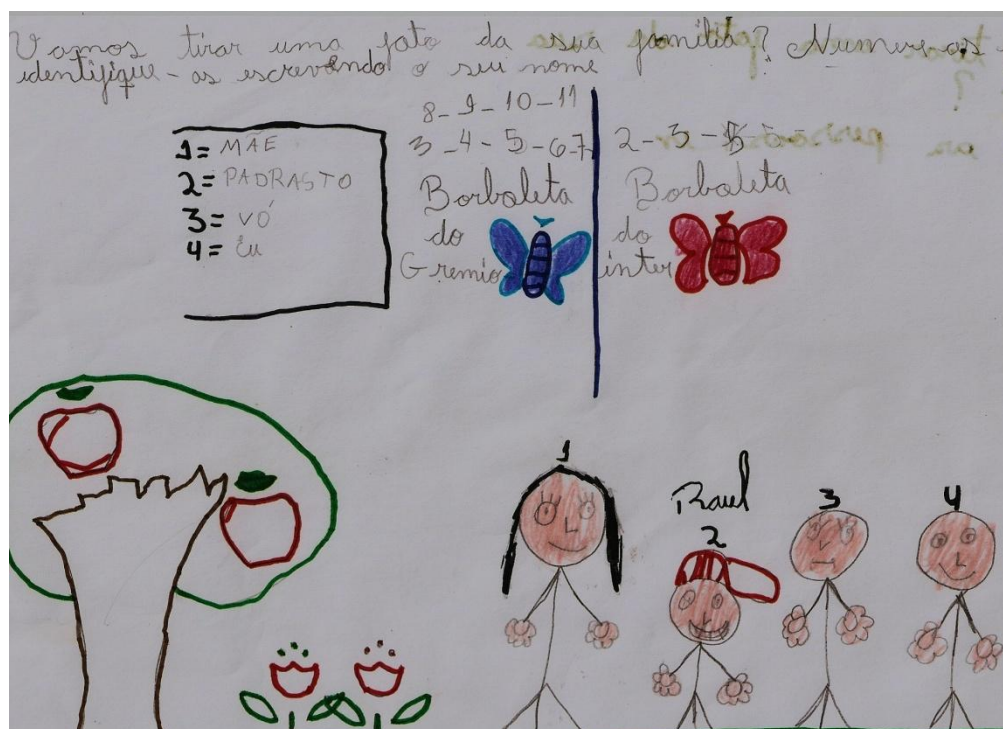
- De algumas destas perguntas foi possível questionar com a turma e encontrar a resposta em conjunto (Por que eu gosto do escorregador ? / Por que a gente tem que ir na escola ? / Por que existem velinhas de aniversário ?).

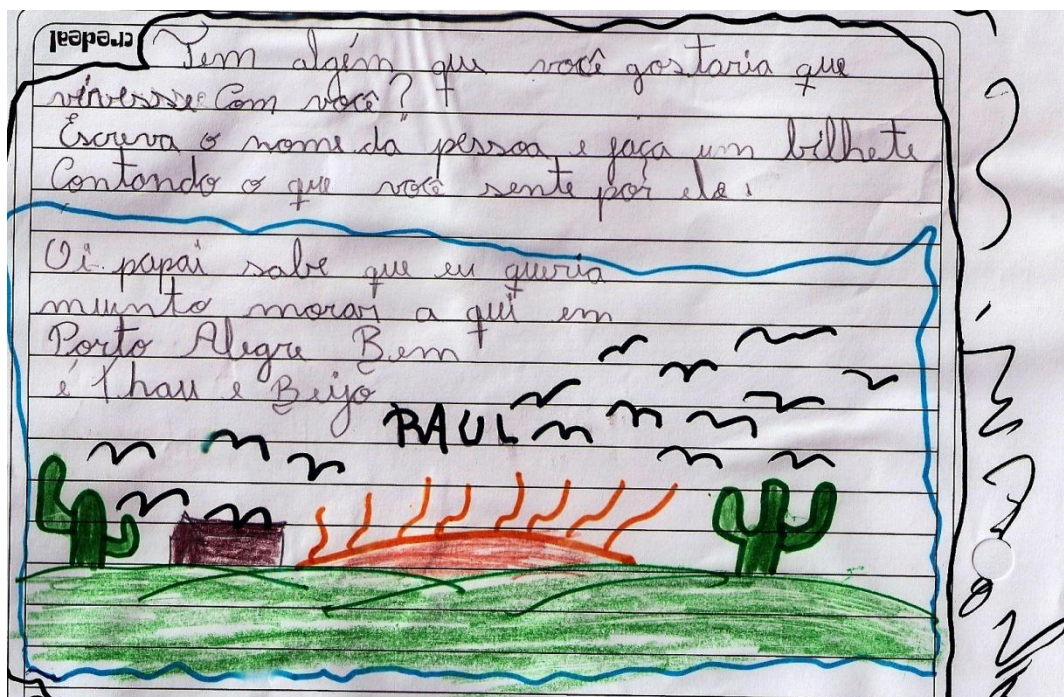
- A pergunta: Por que o pescoço da girafa é tão grande ? - Um aluno respondeu que era para ela poder comer. Eu questionei: Todos os animais que comem possuem pescoço longo ? A resposta foi não. Ele pensou e disse que a girafa comia folhas de árvores muito altas.
- Ele pensou e buscou uma solução para a sua afirmação, tendo por base conhecimentos prévios, certezas e dúvidas.

- Com esta atividade foi possível conhecer a turma, fazer as crianças pensarem em suas dúvidas e curiosidades, muitos tentaram encontrar a resposta, outros apenas perguntaram sem muito empenho em de fato buscar e saber a resposta.

Anexo 4 - Início da confecção do Livro " Eu sou assim "

Temas: Minha casa e minha família





essas são: diferentes. Cada um
de ser. Escreva o nome de
ocho que parece ser:

| | |
|-----------|----------|
| Truete: | eu |
| Alegre: | mano |
| Nervosa: | mãe |
| Brava: | mãe |
| Cientes: | eu |
| Calma: | pai |
| Agitados: | eu, mano |
| Brigão: | mano |
| Fraço: | tato |
| Forte: | pai |
| Chato: | eu |
| Bem: | todos |
| Mau: | mano |

A minha família, é bem
comportada e bem orga-
nizada. Eu sou a única
mimada da família.

Mas a minha família es-
ta sempre feliz.

A minha família
é linda e tem
cinco pessoas
meu pai meus dois irmãos
e a minha mãe

15

As pessoas são diferentes.
 Cada um tem seu jeito de ser.
 Escreva o nome de quem você acha
 que pode ser

Triste: mãe
 Alegre: ROBERT
 Nervoso: ROBERT
 Bravo: MÃE
 Carente: ROBERT
 Calmo: MÃE
 Agitado: ROBERT
 Brigado: ROBERT
 Forte: RAU
 Fraco: ROBERT
 hoto: RAU
 BON: ROBERT MAL ROBERT

As pessoas são diferentes.
 Cada um tem seu jeito de ser.
 Escreva o nome de quem você acha que pode ser:

Filemão

24 / 5 / 10

Triste:

Alegre: Mãe-irmão- eu- Pai- Bebê.

Nervoso: Pai- Mãe-irmão- bebê- eu.

Bravo: Mãe- Pai-irmão- bebê- eu.

Calmo: Pai- Mãe-irmão- bebê- eu.

Agitado: eu- bebê- Pai- Mãe-irmão.

Brigado: eu- irmão.

Forte:

Fraco: eu- mãe- Pai-irmão- bebê- eu.

hoto:

Bom: Mãe- Pai- bebê-irmão.

Mau: Mãe-

Anexo 5

Comentários deixados no Blog - Postagem: Auto-Retrato

Anônimo disse...

Adorei ver os desenhos dos meus colegas e o meu também. Beijos professora Katia e aos meus amigos. Eduardo

[20 de abril de 2010 19:34](#) 

Adriana Valencio disse...

Achei ótima iniciativa da professora de interagir as crianças junto com a internet, pois eles a utilizam o tempo todo mas puderam visualizar os seus próprios trabalhos, isso é fazer a diferença..... Parabéns....

Um grande beijos a todas as crianças pelos lindos trabalhos realizados...

Adriana(mãe da Natalia)

[21 de abril de 2010 12:46](#) 

Natália Valencio Ehlers disse...

Oi professora katia, adorei os trabalinhos na internete, foi interessante e bem diferente. um grande beijo da Natália.

[21 de abril de 2010 12:59](#) 

Anônimo disse...

A escola Urguai eu adorei ver os trabalho dos colegas e beijos pra todos e beijocas pra profe Katia da Bruna !!!!!!!!!!!

[22 de abril de 2010 09:24](#) 

MARIANA disse...

mariana pro eu não esperava nada disso isperava menos matalindo beijos e bejocas para todos tchau MARIANA

[27 de abril de 2010 11:10](#) 

LOLA disse...

Os trabalhos são bem elaborados e as crianças interagirem na internet é otimo.Só espero que a Mariana melhore o comportamento.

[27 de abril de 2010 11:18](#) 

Anônimo disse...

adriel eu gosto da escola por que e boa

[29 de abril de 2010 17:19](#) 

Anônimo disse...

tial profe joão

[29 de abril de 2010 17:23](#) 

Anônimo disse...

oi profi tial.

[29 de abril de 2010 17:24](#) 

Anônimo disse...

escola uruguai eu adoro ! Ana Luíza

[29 de abril de 2010 17:27](#) 



[Beatriz](#) disse...

Oi Gente, adorei o blog de vocês!! Adorei ficar surpresa!! Eu esperava fotos e vieram seus trabalhos!! Ficou muito legal!! Depois, lendo os comentários de pais fiquei pensando em como a Internet junta mais direção,prof, alunos e pais.Essa é a comunidade escolar em ação. Parabéns a todos vocês. Um abraço Bea

[6 de maio de 2010 12:34](#)



Anexo 6 - Introdução a Centena – Jogo com o Material Dourado

Anexo 7 – Primeira visita ao Laboratório de Informática



Anexo 8 – Dia das Mães

